

Novo lugar da África

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em: 12/01/2009

Exótica, sem personalidade, problemática e carente de ações humanistas. Segundo artigo publicado na Revista Brasileira de Política Internacional, essa maneira de encarar a África não corresponde à complexa realidade do continente e trata de um discurso da vitimização, herdado do ciclo da descolonização, que não tem mais eco na atualidade. Saiba mais...

Para José Flávio Sombra Saraiva, professor titular da Universidade de Brasília (UnB), autor do texto, a África é mais complexa, mais autônoma e ocupa um novo lugar na sociedade internacional. “É uma das últimas fronteiras do capitalismo global, com riquezas naturais e humanas incomensuráveis. O mundo precisa mais da África do que a África do mundo. Lá estão fontes e recursos naturais necessários à sobrevivência do planeta. E suas elites, embora ruins na média geral, estão divididas”, disse à Agência FAPESP. Autor do livro *O lugar da África – A dimensão atlântica da política externa brasileira* (Editora UnB, 1996), Saraiva aponta que mesmo diante da crise econômica global e das dificuldades internas de constituição de sociedades e estados modernos, assiste-se no continente africano a “um ciclo positivo”. A África poderia, inclusive, se sair bem do momento de ansiedade por que passam as economias globais. “As economias no continente cresceram em torno de 5,6% por ano desde o início da década. Tenderão a manter parte desse crescimento nos próximos anos, pois as fontes de financiamento externo emanam dos capitais do Golfo Pérsico e da Ásia. Apesar das crises políticas, como o golpe de estado recente na Guiné, a crise política no Zimbábue ou o conflito de Darfur, assiste-se a processos positivos de democratização de regimes políticos”, disse o autor, que pesquisa o tema desde 1982 e já esteve em mais de 30 países africanos. Segundo ele, os conceitos negativos que se perpetuam sobre o continente africano presidem parte do desenho ocidentalista patrocinado “ora por interesses de exploração de grandes grupos econômicos internacionais, ora pelas próprias elites africanas para obter recursos e meios de perpetuação do poder local”. Saraiva não concorda com o “discurso humanista ingênuo” que guia as ações de muitos grupos não-governamentais internacionais. O continente, afirma, é mais complexo e mais autônomo do que se imagina. “A África profunda não quer esmolas ou modelinhos de culpa ocidental, quer apoio a ideias e projetos de infraestrutura social e econômica. Os chineses aprenderam isso rápido. Estão fazendo uma infiltração muito inteligente no continente africano. O Ocidente vai ficar para trás nessa corrida”, afirmou. O também diretor do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais aponta que o caso de Moçambique é emblemático. Segundo ele, trata-se de um país com muita pobreza, mas que está se equilibrando melhor que seus pares de língua portuguesa na África subsaariana. “Não é tão rico economicamente como Angola, mas tem práticas políticas de melhor gestão de seus recursos. Suas elites estão menos esgarçadas. É um país que vem normalizando práticas elementares de normalização da máquina pública. Assiste a crescimento relativamente sustentável e suas elites têm um certo pragmatismo na direção do aproveitamento das oportunidades das mudanças globais do momento”, afirmou. Baixa apreciação De acordo com o professor do Instituto de Relações Internacionais da UnB, apesar de haver uma elevação do status da África no mundo – com inserção na sociedade internacional –, existe no Brasil, paradoxalmente, uma “baixa apreciação” em relação ao continente. Cada interesse aqui, afirma, cria uma África “a serviço de jogos identitários internos

do Brasil”. “Há, por aqui, uma invenção da África que está mais ligada à história afrobrasileira do que às realidades estruturais que alicerçam a evolução de um continente imenso e muito diversificado em todos os aspectos. Inventamos aqui uma África para consumo interno, ora para elevar as Áfricas que temos dentro de nós, ora para denegri-la”, disse. Para o pesquisador, essa confusão leva a “muito voluntarismo ingênuo de baixo impacto” no continente e a uma “espécie de autosuficiência e arrogância” ao imaginar que o Brasil tem fórmulas mágicas e modelos prontos para a África. Apesar disso, Saraiva ressalta que o Brasil rompeu, nos últimos anos, o que chama de “silêncio atlântico”. A retomada da política de diversificação de interesses nas partes menos centrais do capitalismo global levou o país novamente à África. “A ampliação da representação diplomática no continente e a retomada de projetos estruturais no campo mineral, petrolífero, de infraestrutura social e profissional emanaram mais do Executivo do que dos setores econômicos clássicos. Agora, há um fluxo comercial e empresarial que foi recriado pelo Executivo”, afirmou. Segundo ele, o Brasil não pode negligenciar as relações de interesse com o continente africano. Do campo estratégico e econômico ao político, multilateral e de interesses a colher, a África é um dos destinos obrigatórios. “Mas esse desembarque não pode ser feito contra a África, na ambição de ir para resolver problemas de identidades afrobrasileiras. Os chineses, indianos e australianos, que têm pouco de África na sua base sociocultural, estão mais vivos por lá do que nossos discursos de africanidade brasileira”, disse. Para ler o artigo A África na ordem internacional do século XXI: mudanças epidérmicas ou ensaios de autonomia decisória?, disponível na biblioteca on-line SciELO (Bireme/FAPESP), clique aqui. Fonte:<http://www.agencia.fapesp.br/materia/9926/especiais/novo-lugar-da-africa.htm>